



VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR

Carlene Maria Oliveira Sodré*

Marili Lando de Moura**

Ivone Jesus Alexandre***

RESUMO

O objetivo deste texto é fazer uma reflexão sobre a violência escolar. Para construção desse artigo realizamos uma pesquisa bibliográfica com autores que contribuíram para fundamentar essas reflexões, dentre eles destacamos Ivone Jesus Alexandre, Débora Bianca Xavier Carreira, Vicente de Paula, Eva Silveira Fáleiros, Cléo Fantes, Luiz Oliveira Gonçalves, Sueli Barbosa Thomaz Raymundo de Lima. Buscamos neste trabalho atentar para as questões de comportamento dos alunos, o posicionamento dos professores e da escola ante a esse problema, métodos didáticos e práticas docentes que estão sendo desenvolvidas no sentido de que essas ações, possibilitem a o aluno trocar esse tipo de comportamento pela tolerância, pela igualdade, pelo respeito, provocando nesses alunos colaboração na construção de uma sociedade menos violenta.

Palavras-chave: Educação. Violência. Práticas Educativas.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é fazer uma reflexão acerca da violência escolar que ocorre principalmente entre alunos e professores busca-se entender quais fatores são determinantes para gerar esse tipo de violência.

* Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), pós-graduada em Políticas Sociais. Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

** Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Pós-graduanda no Curso de Especialização em **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

*** Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop). Pós-graduanda em Educação a Distância pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Cuiabá). Mestrado em Educação pela UFMT/Cuiabá. Professora Assistente na UNEMAT/Juara e atua na área de Metodologia de Ensino.

Através de estudos realizados nos últimos anos, tem-se comprovado que a violência tem crescido em todos os domínios da vida social. Observa-se que ela acontece também na escola, onde alunos e professores no dia a dia vivenciam muitas situações que envolvem a violência.

As pesquisas podem ser um instrumento importante no aperfeiçoamento das políticas e na forma de construir métodos eficazes de educar para um futuro melhor. Assim tem sido uma preocupação constante a questão da violência na juventude, em vários países. Nos Estados Unidos é estudado várias praticas pedagógicas no sentido de irradiar uma cultura de paz na sociedade partindo da escola. No Brasil não tem sido diferente, estudos tem mostrado a preocupação sobre o tema violência, contra o colega, contra a direção, contra o professor. Viana (2006).

O professor que deveria ter como preocupação preparar as aulas, escolher os conteúdos a ser trabalhado, conhecer o seu aluno e preocupar-se com sua aprendizagem, fica sem saber como agir, como resolver os problemas, as situações de conflito que se apresentam no dia a dia escolar. O professor sente-se impossibilitado de propiciar ao aluno ações que possam reeducá-lo, com trocas de experiências educativas, construtivas, que o levem a interagir socialmente, e que diante desse quadro favoreçam uma formação ética e que diminua a violência dentro da escola.

Partimos do pressuposto de que a ação educativa que visa à formação para cidadania e procura favorecer a emergência de interação social construtiva deve estar integrada no cotidiano escolar, de tal forma que o professor seja capaz de aproveitar os múltiplos momentos de conflito que surgem na escola para contribuir de forma eficiente para essa formação. (GONCALVES, 2005, p.638).

Nesse sentido, é papel do educador buscar formação continuada para que possa ampliar seus conhecimentos, aprimorando suas práticas pedagógicas e seus conteúdos, buscando conhecer seus alunos e sua realidade social. O educador deve também promover debates em sala de aula com temas que estejam relacionados ao cotidiano de seus alunos. É necessário que o educador busque formas de mediação para enfrentar os dilemas que se apresentam no dia a dia da vida deste aluno.

De acordo com Martinelli (1993, p. 136):

Mediações são categorias instrumentais pelas quais se processa a operacionalização da ação profissional. Se expressa pelo conjunto de instrumento. Recursos técnicos e estratégias pelas quais a ação profissional ganha operacionalidade e concretude. São instancias de passagem da teoria para a prática, são vias de penetração nas tramas constitutivas do real. (MARTINELLI, 1993, p. 136).

Desta forma, o educador na escola se depara com diferentes desafios, além de executar as atividades de sua responsabilidade burocrática e rotineira ainda tem que buscar desenvolver ações interdisciplinares de orientação e informação, incentivando gestões participativas na tentativa de construir novos sujeitos sociais.

Todavia, falta formação para esses professores, eles recebem pouca formação continuada para enfrentar esses problemas e conseqüentemente quando se deparam com esse tipo de realidade muitas vezes não sabem como agir diante da situação.

Assim, a adoção de políticas públicas que fortaleçam e desenvolvam a atuação do educador, para que os mesmos possam oferecer melhores condições de ensino e de vivência no ambiente da escola, visando com isso à diminuição da violência gerada muitas vezes pelas diferenças na sociedade.

2 UMA REFLEXÃO INICIAL SOBRE A VIOLÊNCIA - VIOLÊNCIA DENTRO DO ESPAÇO ESCOLAR

A violência é que nem uma porta que se abre
entre nós e não quer mais fechar.

Juliana Senna

Se procurarmos o significado do termo violência nos dicionários de português, encontraremos lá descrito como uma “qualidade ou estado do que é violento; força empregada contra o direito natural de outrem; ação que se faz com o uso da força bruta; crueldade; força; tirania; coação” (AZEVEDO, 2004, p. 03).

O termo violência vem do latim, *violentia* que significa violência, caráter bravo. Para Michaud (1989, apud CARREIRA, 1996, p.02), afirma que “a força se torna violenta quando passa da medida ou perturba uma ordem”.

A violência se manifesta por meio da tirania, da opressão e do abuso da força. Ocorre do constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a fazer ou deixar de fazer um ato qualquer. Existem diversas formas de violência, tais como as guerras, conflitos étnico-religiosos e banditismo.

Também, segundo Camargo(2010, p.01):

As causas da violência são associadas, em parte, a problemas sociais como miséria, fome, desemprego. Mas nem todos os tipos de criminalidade derivam das condições econômicas. Além disso, um Estado ineficiente e sem programas de políticas públicas de segurança, contribui para aumentar a sensação de injustiça e impunidade, que é, talvez, a principal causa da violência. .

Se estudarmos a história da humanidade, constataremos que a violência sempre esteve presente, desde os primórdios. Os homens da pré- história se manifestavam de forma violenta para assegurarem sua sobrevivência.

Atualmente essas manifestações não se revelam como forma única de viver, morrer ou disputa de poder. Elas se mostram silenciosas, de forma sutil, passam despercebidas e muitas vezes são difíceis de serem identificadas, muitas vezes e em muitos ambientes nos parecem ações naturais.

A violência está presente como sabemos em diversos ambientes, nas ruas, nos clubes, nas famílias nas escolas etc. Se apresenta de diversas formas, podendo se apresentar sob a forma de utilização da força física, psíquica, moral. Pode ser definida como uma ruptura brusca da harmonia.

De acordo com Azevedo (2004, p. 05):

A violência pode igualmente ser considerada de âmbito público ou de âmbito privado. A primeira é mais visível, influi e distorce a imagem da sociedade. É a que mais preocupa o Estado, pois é geradora de polêmica. A segunda é mais recôndita, como é o caso da violência familiar, com o Cônjuge ou com os descendentes.

A violência com a parte física, nela a revolta explícita que se apresenta nas pichações, nas trocas de insultos e brigas entre alunos dentro do espaço escolar. Nas pichações as declarações de insatisfação da escola, dos professores, do sistema num todo. Os alunos quebram cadeiras, carteiras, ventiladores, portas armários, banheiros, nada se salva. Um cenário muito triste. Então nos vem uma pergunta: toda essa violência explícita se deve a que? Porque alguns jovens apresentam cada dia mais atitudes violentas? É possível diminuir essa violência? Quais ações podem ser desenvolvidas para mudar essas situações? Quais projetos a escola pode desenvolver para buscar mudanças neste contexto? De acordo com Balandier, (apud THOMAZ, 2009, p.8): “a violência pode tomar a forma de uma desordem contagiosa, dificilmente controlável, de uma doença da sociedade que aprisiona o indivíduo e, por extensão, a coletividade, num estado de insegurança que gera o medo”. Esse medo de que nos lembra o autor, é perceptível aos nossos olhos, no cotidiano das salas de aulas e mesmo fora delas.

Por muito tempo falou-se do comportamento indisciplinar do aluno, da falta de interesse pelos estudos, do desrespeito com professores, diretores e colegas. Isso era uma preocupação constante por parte da comunidade escolar.

Todos os dias presenciamos cenas de desrespeito, agressividade, preconceito, discriminação dentro da escola. O espaço que deveria ser por excelência, de aprendizagem, de construção do conhecimento, tem sido utilizado para desenvolver atos de agressividade, revolta, desrespeito.

De acordo com Lopes (2002 apud ALEXANDRE, 2009, p. 31):

As crianças estão inseridas em diferentes ambientes sociais institucionais, a escola é um desses espaços. Ela tem sido apontada como um dos lugares mais importantes na construção de quem somos; a escola é um dos primeiros espaços em que a criança tem acesso longe da vigilância da família a outros modos de seres humanos diferentes daqueles do mundo relativamente homogêneo da família.

Concordamos com a autora, quer seja a criança, ou o adolescente, muitas vezes passam a maior parte do tempo na escola do que em suas casas. Relacionam-se com outras crianças, são culturas diferentes e mostram comportamentos diferenciados. Nesse espaço quer seja ele de paz ou de violência é onde uns tem contato com os outros, diferentes pessoas, diferentes costumes, jeito de pensar, o aluno cria uma identidade.

Para Bernard Charlot (2002 apud SALES; SILVA, p. 150):

Nas escolas, os adolescentes e jovens interagem com os outros, adolescentes e jovens, que são diferentes deles ou de seu grupo de referência em função, entre outros aspectos, da cor, da sexualidade, da nacionalidade, do corpo, da classe socioeconômica. No espaço escolar essa interação com o diferente, quando não é problematizada, se dá por meios de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência.

Diariamente ouvimos relatos ou presenciamos cenas de violência nas ruas, nos grandes centros, nos clubes, nas escolas pela disputa de poder, pela disputa de venda de drogas, etc. Os massacres que ocorreram em Escolas e Universidades nos Estados Unidos, a barbárie terrorista na Escola de Beslan, na Rússia, o massacre em Realengo a guerra mostrada com narcotráfico no Rio de Janeiro, o que impediu o funcionamento das escolas e universidades, são demonstrações de que existe uma guerra declarada e ela acontece dentro e fora de nosso país. Isso é indicativo suficiente para que as instituições de ensino comprometidas com a pesquisa promovam debates e proponham medidas preventivas dentro dos muros da escola e fora deles.

Infelizmente, os assuntos relacionados à violência, desigualdade, intolerância é pouco contemplado nas escolas.

Conforme Menezes (2009, p.1):

As demonstrações coletivas de intolerância, desrespeito e violência são sempre chocantes, ainda mais quando atingem os mais frágeis e ocorrem na escola. A discriminação existe em toda a parte – nas relações religiosas, esportivas sexuais, étnicas ou políticas- e dão origem a ódio, conflitos, crimes e Guerras.

A ideia que nos é passada, observando o comportamento de alguns alunos nas escolas, é de que estes alunos não querem saber de pensar. Eles não querem fazer nenhum esforço, algo que lhes tire o tempo das conversas, dos relacionamentos fora de classe. Muitos jovens que tem acesso a tecnologia, que lhe dá tudo pronto, celular com tantos recursos tantas possibilidades, não querem perder seu tempo com leitura, com cálculos.

Muitas vezes eles acabam abandonando a escola ou os pais precisam mudar para outra escola, outro bairro e dependendo o caso, para outra cidade. Muitos acabam se revoltando e por vingança ou por se defender podem ficar violentos também. Alguns podem se sentirem excluídos, fracassados por não conseguir superar tais agressões.

O bom relacionamento necessita de habilidade, de compreensão e respeito para que haja eficácia nos relacionamentos sociais. Saber ouvir, compreender, colocar se no lugar e compreender o outro, nos leva a melhor convivência em grupo, bem como, o desenvolvimento de sentimentos positivos (aptidões) para um relacionamento mais solidário (eficiente) com as pessoas que nos cercam ou rodeiam.

Para Oliveira (2003 apud ALEXANDRE, p. 33):

As interações escolares são fundamentais na construção da identidade da criança, na sua aceitação, em uma autoestima positiva. É preciso “compreender que o indivíduo só pode se construir na interação com os outros a despeito de sua distinção em relação a estes outros a despeito de sua diversidade”.

É importante e necessário aprendermos a nos conhecer, para que desta forma, possamos nos compreender e compreender os outros, entendendo seu comportamento, ouvindo e dialogando, reconhecendo suas diferenças, sua história, sua maneira de agir, pensar e sentir. Assim temos maiores possibilidades de interpretar os outros pelo que eles são e não pelo que desejaríamos que fossem.

Cenas de violência, tais como brigas, confrontos, acerto de contas e até mortes são mostradas todos os dias pela mídia. Muitos grupos se formam dentro do espaço escolar e outros fora dos muros da escola. Bernard Charlot (2002 apud SALLES; SILVA, 2008, p. 150), caracteriza a violência como: violência na escola, violência à escolar e violência da escola:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada a natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. A violência à escola está ligada a natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores, ou os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes de orientação o tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas).

Essa realidade é cada vez mais grave. Não há nenhum respeito para com o professor e muitas vezes nem o professor demonstra tolerância e respeito com os alunos. Existe uma disputa de poder, de interesse que geram conflitos. Acerca do tema Chrispino e Chrispino (2002 apud CARREIRA, 1996) definem da seguinte forma:

Conflito, pois, é parte integrante da vida e da atividade social, quer contemporânea, quer antiga. Ainda do esforço do entendimento do conceito, podemos dizer que o conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações. Percebe-se que não existe aqui a noção estrita de erro e de acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes.

Desta forma concluímos que as pessoas são diferentes, pensam diferentes, agem diferentes. Há então segundo os autores, um pluralismo de idéias, uma heterogeneidade.

3 O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE À VIOLÊNCIA NA ESCOLA

O papel do educador nos últimos tempos passou por modificações consideráveis devido às mudanças que a sociedade também sofreu. Mudanças essas que geram dilemas, desafios e também muitos obstáculos. Entre os principais desafios encontrados pelo educador, está o comportamento do aluno, atitudes de agressividade, conflitos com os colegas e professores. Esses comportamentos vivenciados pela escola num todo, traz preocupações maiores no sentido de repensar suas políticas. .

Essas manifestações de violência, transgressões de regras, violação de direitos alheios, indisciplina, demonstram desajuste na relação educador/aluno. Diante de tais situações o professor precisa conhecer as causas e consequências destes atos, para que possa desta forma buscar soluções e evitar que os problemas tomem uma proporção ainda maior.

De acordo com Silva (2007, p. 02):

Diversas são as causas destes problemas entre elas: frágeis referências morais, distorção de valores, questões familiares (dificuldades no estabelecimento de

limites, regras, dinâmica familiar comprometida, violência doméstica etc.), problemas culturais, barreiras sócio-econômicos, conflitos emocionais do próprio educando, problemas de saúde mental do educando e ou de familiares, comprometimento cognitivo ou dificuldades de aprendizagem.

Entretanto, este professor muitas vezes trabalha coagido, ameaçado por alunos que se mostram revoltados, desinteressados em aprender. Grupos se formam e exercem poder nas salas de aula, nos refeitórios, nos corredores as entradas e saídas das escolas. O domínio destas gangues está explícito na forma como eles manuseiam e portam armas e drogas, ameaçando alunos e professores, roubando e matando. Thomaz (2009, p. 01) faz um questionamento: “A escola, na sua prática pedagógica, apresenta-se sob a égide do poder, cultivando o medo e gerando a cultura da violência”?

É necessário que novas práticas educativas sejam pensadas, onde o aluno saiba que existe o direito, mas, também o respeito e o dever. É necessário que a escola possibilite a esse aluno interagir, criar atitudes, valores, de respeito ao próximo, saber que existem limites, que o seu direito termina quando começa o do outro. O aluno também precisa ser valorizado, convidado a pensar coletivamente, a participar de eventos que possam provocar nele atitudes reflexivas e ativas.

Estudos realizados na cidade de São Paulo apontam que um dos principais motivos que leva jovens para o crime, para as drogas, é a falta de políticas públicas, de projetos sociais que desenvolvam ações educativas de reintegração à família, à sociedade, que os motive a estudar. Gonçalves (2002). A falta dessas políticas leva a exclusão, a desigualdade social. O resultado que vemos são famílias desestruturadas, filhos que crescem revoltados, sem valores. Muitos então procuram outros caminhos, as ruas, gangues organizadas para o crime, talvez porque lhes passam segurança e poder.

De acordo com Boaventura (2008, p. 280):

A desigualdade e a exclusão são dos sistemas de pertença hierarquizada. No sistema de desigualdade, a pertença dá-se pela integração subordinada enquanto que no sistema de exclusão a pertença dá-se pela exclusão. A desigualdade implica um sistema hierárquico de integração social. Quem está em baixo está dentro e a sua presença hierárquica de integração social. Quem está em baixo está dentro e a sua presença é indispensável. Ao contrário, a exclusão assenta num sistema igualmente hierárquico, mas dominado pelo princípio da segregação: pertence pela forma com que se é excluído. Quem está em baixo está fora. Estes dois sistemas de hierarquização social assim formulada são tipos idéias, pois que, na prática os grupos sociais inserem-se Simultaneamente nos dois sistemas em combinações complexos.

Diariamente ouvimos alguém contar, ou presenciamos cenas de violência nas ruas, nos grandes centros, nos clubes, nas escolas pela disputa de poder, pela disputa de venda de

drogas. Infelizmente, esses assuntos relacionados à violência, desigualdade, intolerância é pouco contemplado nas escolas.

Conforme Menezes (2009, p.1):

As demonstrações coletivas de intolerância, desrespeito e violência são sempre chocantes, ainda mais quando atingem os mais frágeis e ocorrem na escola. A discriminação existe em toda a parte – nas relações religiosas, esportivas sexuais, étnicas ou políticas- e dão origem a ódio, conflitos, crimes e Guerras.

Concordamos com o autor, pois na maioria das situações que acontecem, as vítimas são alunos que por serem de cor negra, pobres, ou homossexuais, são os mais agredidos e tratados com violência. São os fadados a situações de inferioridade e intolerância e desrespeito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contemporaneamente a violência está presente no dia-a-dia, dentro e fora dos muros da escola, ela é o resultado de um problema socioeconômico decorrente da má distribuição de renda, da falta de oportunidades como também o baixo incentivo a formação educacional no neste país. O espaço escolar ao invés de ser um lugar de aprendizado e conhecimento passou também a ser um local de desrespeito e agressividade.

O professor que outrora era considerado um doutor por natureza, hoje muitas vezes trabalha coagido e ameaçado por grupos de alunos que na sua maioria estão desassistidos economicamente e em situação de desigualdade social.

Como foi ressaltado anteriormente, um dos principais motivos que leva jovens para o crime, para as drogas, é a falta de políticas públicas, de projetos sociais que desenvolvam ações educativas de reintegração à família, à sociedade, que os motive a estudar.

Como consequência, diferentes tipos de violência são estendidos para dentro do ambiente escolar que é um espaço de convivência, reunião da juventude, socialização e que muitas vezes culminam em *bulling* e até em muitos dos casos no distrato racial.

Assim sendo, observamos uma necessidade urgente de se promover Políticas Públicas eficazes voltadas para melhorar a qualidade de vida da população potencializando as famílias e a sociedade. Promovendo sua emancipação para que assim essas famílias possam promover seus cidadãos, diminuindo e acabando com o preconceito, desigualdades raciais, as diferenças sociais. Acerca do assunto nos esclarece Alexandre (2009, p.83):

É preciso investir em propostas didáticas que envolvam a escola e a família para que, juntas, possam pensar em uma socialização mais terna, afetuosa e de respeito entre os alunos. Entender que o universo escolar é composto por pessoas que são formadas em uma sociedade onde prevalecem pensamentos e ideais hegemônicos que naturalizaram e banalizaram ao longo da história as desigualdades raciais. Somos resultados de uma educação que formatou o cidadão na valorização de um ideal de ser humano.

Concordamos com Dirceu de Mello (2002, p. 79) quando na **Revista Serviço Social e Sociedade** ele destaca:

É certo que não se ignora que, como fórmula maior de arrefecimento, quiçá eliminação da criminalidade, violenta ou não, está, entre outras coisas, a educação das gentes, a superação das desigualdades sociais, a satisfação mínima das necessidades econômicas, a pulverização de preconceitos, de idiosincrasias, de vaidades, de ambições. Bem, mas isso não é para nós homens, frágeis, imperfeitos, egoístas, pobres arremedos do divino modelo.

Desta maneira, o professor, a equipe interdisciplinar, os não adeptos a violência, os cidadãos comuns que compõem o ambiente escolar e a sociedade ficam a mercê das vontades dos políticos que nas campanhas eleitorais promovem nos palanques discursos eloquentes, inflamados, demagogos utilizando destes problemas sociais para ganhar eleições ou reeleições prometendo fazer verdadeiros milagres.

Entretanto constata-se que as desigualdades herdadas historicamente, o mundo globalizado, o capitalismo contemporâneo resultante das privatizações econômicas do Estado, minimiza as políticas sociais como medidas paliativas e como forma de controle social. Ao invés de oferecer o preparo para uma cidadania livre e participativa, segrega a cada dia boa parte da população brasileira a criminalização da pobreza e a violência.

Desta feita, podemos concluir que a grande arma contra a violência, seja a violência em si, seja a violência escolar, é a educação. É ela que desde a pré-escola até a universidade promove o cidadão para a superação de sua condição de desassistido ou desajustado.

Através dos palcos da Universidade verifica-se a construção e distribuição do conhecimento, é ela que leva o cidadão ao exercício da crítica, da problematização e construção do conhecimento. Através do tripé: ensino, pesquisa e extensão é que se descobre e redescobre a importância do professor na formação da sociedade e dos indivíduos para a vida e para o mundo.

Assim, reafirmamos nossa crença acreditando que o papel do professor é preponderante na formação do mundo e do homem enquanto ser social, crítico, consciente, construtor e capaz de obrigações cívicas e do exercício de sua cidadania para um mundo melhor.

VIOLENCE IN THE SCHOOLS¹

ABSTRACT

The aim of this paper is to reflect on school violence. To construct this article we conducted a bibliographic research with authors who contributed to prove these reflections, among them we highlight Ivone Jesus Alexandre, Débora Bianca Xavier Carreira, Vicente de Paula, Eva Silveira Fáleiros, Cléo Fantes, Luiz Oliveira Gonçalves, Sueli Barbosa Thomaz Raymundo de Lima. We search in this work to observe issues related to the student behavior, the position of teachers and school in the face of this problem, teaching methods and teaching practices that are being developed in the sense that these actions, allow the student to change this kind of behavior by tolerance, equality, respect, provoking these students collaboration in building a less violent society.

Keywords: Education. Violence. Educational Practices.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Ivone Jesus. **Relações raciais. Um estudo com pais alunos e Professores.** Cuiabá: Ed.UFMT, 2009.

AZEVEDO, Sonia Carla Aroso. **A escola e seus agentes perante a exclusão social.** Doutorado em Educação Social. Universidade de Granada. Portugal; 2004. Disponível em: < www.monografias.com.br >. Acesso em: 14 mar. 2012.

CARREIRA, Débora Bianca Xavier. **Violência nas escolas: Qual é o papel da gestão?** Disponível em: < [http://www.ucb.br/sites/100/127/documentos/artigos 13.doc](http://www.ucb.br/sites/100/127/documentos/artigos%2013.doc)>. Acesso em: 21 dez. 2011.

CARELI, Gabriela. **Tão violentos como a rua.** Disponível em: < http://veja.abril.com.br/270302/p_082.html >. Acesso em: 21 dez. 2011.

FALEIROS, Vicente de Paula; Eva Silveira Faleiros. **Escola Que Protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes.** 2.ed.Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** 2.ed. rev. ampl. Campinas: Verus Editora, 2005. n° 78. Nov. 2007. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/078/78lima> >. Acesso em: 5 jan. 2012.

¹ Tradução realizada por Marli Cichelero (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

GONÇALVES, Luiz A. Oliveira; SPOSITO, Marília Pontes. **Iniciativas Públicas de Redução da Violência Escolar no Brasil**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/in115/a04n115.pdf> >. Acesso em: 15 dez. 2011.

GUIMARÃES, Antonio S. Alfredo. **Preconceito de Cor e Racismo no Brasil**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ra/v47n1/a01v47n1.pdf> >. Acesso em: 27 dez. 2011.

LIMA, Raymundo de. Violência na/da Escola. **Revista Espaço Acadêmico**. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/078/78lima> >. Acesso em: 21 dez. 2011.

MACHADO, Maurimar M.S.Costa; REIS, Maria das Dores; LOPES, José de S. Miguel. **O preconceito no Contexto Educacional**. Disponível em: < <http://www.unilestemg.br/revistaonline/volumes02/.../artigo> >. Acesso em: 11 dez. 2011.

MELLO, Dirceu de. Violência no mundo de hoje. **Revista Serviço Social & Sociedade**. n. 70. São Paulo: Cortez, 2002.

MENEZES, Luiz Carlos de. **Diferenças: respeito versus preconceito**. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/formacao-continuada/dife> >. Acesso em: 22 dez. 2011.

MENEZES, Waléria. **O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola**. Disponível em: < www.fundaj.gov.br/tpd/147.html >. Acesso em 27 dez. 2011.

RAMOS, Euélica Fagundes. **Violência escolar e Bullying: o papel da família e da escola na prevenção**. Disponível em: < www.meuartigo.brasile scola.com/violencia-escolar-bullying-papl-famili >. Acesso em: 24 nov. 2011.

REBOUÇAS, Fernando. **Violência contra o professor e aluno**. Disponível em: < <http://www.infoescola.com/sociedade/violencia-contraprofessor> >. Acesso em: 27 dez. 2011.

SALLES, Leila M. F; SILVA, Joyce M.A.P. **Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões**. Disponível em: < www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n30/09/pdf >. Acesso em: 14 jan. 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Michele dos; CANEN, Ana. **Desafiando o preconceito racial: a escola como organização Multicultural**. Disponível em: < www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT21-2886--Int.pdf >. Acesso em: 11 dez. 2011.

SILVA, Ana B. Barbosa. **Bullying: Mentis Perigosas nas Escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Maria Jose Domingues da. **O papel do professor frente à violência nas escolas: uma mediação necessária**. Disponível em: <http://www.revistas.facecla.com.br/index.php/reped/article/download/531/414>. Acesso em: 25 out. 2011.

THOMAZ, Sueli Barbosa. **Violência na escola: ética, poder e cidadania.** Disponível em : < <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos-revistas/24> >. Acesso em: 18 nov. 2011.

VIANA, Livia Fernanda Nery da Silva. **Práticas Pedagógicas e Movimento Contra-Violência nas Escolas Públicas de Teresina.** Teresina, Piauí; 2006. Disponível em: < <http://www.fapepi.pi.gov.br/novafapepi/sapiencia9/pesquisa1.php> >. Acesso em: 06 de Mar.2012.